

A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A AÇÃO ESTÉTICA EDUCATIVA

Filipe Freitas dos Santos¹; Eliane Patrícia Grandini Serrano²

¹Departamento de Artes e Representação Gráfica/Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP – freitassfilipe@gmail.com; ²Departamento de Artes e Representação Gráfica/Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP – patriciagrandini@faac.unesp.br

RESUMO

Acompanhando o percurso histórico da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a arte vem se consolidando como campo de estudo e área de conhecimento na educação básica brasileira. Como analisado em pesquisa, a educação pautada nesta área, garante o compartilhamento de conhecimento e o desenvolvimento do intelecto e do sensível. Por meio do acesso à diversidade cultural e artística, combate-se a dissimilitude que a cultura econômica causa nas condições e modos de vida na sociedade atual. Esta pesquisa teve o propósito de investigar como o ensino da arte se desenvolve em duas escolas de Ensino Infantil na cidade de Bauru, articulando os conceitos levantados bibliograficamente sobre a arte/educação no contexto contemporâneo e a pesquisa de campo desenvolvida ao longo de 05 meses onde o pesquisador participou de atividades das aulas de artes visuais com turmas de 04 e 05 anos.

Palavras-chave: Arte-Educação. Ensino de arte. Educação infantil. Educação estética.

1. INTRODUÇÃO

A arte está e sempre esteve presente na formação social do indivíduo, seja pelo ensino formal ou por meios informais, um exemplo é a grande mídia – rádio, televisão, cinema e hoje internet – ou espaços culturais como museus, pinacotecas e galerias. O ensino pela arte vem ganhando espaço e visão no decorrer de sua consolidação como área de conhecimento e, nos últimos anos, é uma área em ascensão no Brasil. Este crescimento embora ainda tímido pode ser visto já em 2017 com a Lei Nº 13.415 alterando a Lei de Diretrizes e Bases implementando obrigatoriamente na educação básica, abordando “especialmente” as expressões regionais de cada local. Seguindo o percurso histórico do ensino da arte pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a arte está presente no ensino desde a Lei Nº 4024/61, assinada em 20 de dezembro de 1961 pelo ex-presidente do país João Goulart, vindo a ser primeira versão da LDB. Mas a arte ali era vista somente como uma atividade complementar com pouca semelhança com o que conhecemos hoje sobre o ensino de arte. Após 10 anos, alterada pela Lei Nº 5692/71 – combatida por arte-educadores nos anos 80 – foi introduzida como Educação Artística nos currículos escolares do ensino fundamental e ensino médio, antigo 1º e 2º grau, sendo alterada posteriormente e vindo a ser a versão que mais perdurou no ensino nestes últimos tempos, a Lei nº 9394/96 determinou o ensino da arte como obrigatório na educação básica brasileira.

Com todas estas mudanças regulamentares envolvendo o ensino da Arte, pode-se perceber que o ensino infantil também foi afetado positivamente e deixou de ser somente um mero assistencialismo como era presente no 7º artigo inciso XXV da Constituição da República de 1988 e tornou um direito fundamental da criança para seu desenvolvimento. Hoje as crianças estão indo para instituições escolares cada vez mais novas, sendo assim a instituição escolar adquire um papel importante na formação do ser humano. Sabendo que a cultura é um dos principais fatores na formação e desenvolvimento do indivíduo. Qual é o significado social do ensino da Arte na educação infantil? Qual é a importância do ensino de artes visuais na educação básica hoje, em um mundo que a comunicação se faz por meios de massa?

Para isso realizou-se uma reflexão sobre a Proposta Pedagógica de Educação Infantil do Município de Bauru (2016) junto a pesquisa bibliográfica em torno da Arte Educação, tendo como exemplos: a Mirian Celeste Martins, Gisa PILLAR Analice Dutra e Fernando Hernandez. Realizou-se a pesquisa de campo em duas escolas de Educação Infantil do Município de Bauru (EMEI'S), a fim de entender como os referenciais teóricos estudados e a Matriz Curricular da área de Artes Visuais são inseridos na Educação Infantil. Na pesquisa de campo optou-se pela observação participativa das aulas e conversas informais com as diretoras, coordenadoras, professoras e todo o elenco que atua no espaço escolar, no sentido de adquirir informações qualitativas a respeito do processo de desenvolvimento das propostas que eram abordadas dentro de sala de aula, conhecimento sobre a escola, a família dos alunos e a instituição em si. As visitas realizaram-se a cada duas vezes por semana ao longo de seis meses na média de três a quatro horas de acompanhamento em duas escolas, a Escola Municipal de Educação Infantil Rosângela Vieira Martins de Carvalho Profa. e a Escola Municipal de Educação Infantil Irene Ferreira Chermont.

Destacamos que o texto por hora apresentado nasceu de uma pesquisa de Iniciação Científica, apoiada pelo PROPE – CNPQ, desenvolvida entre 2016 e 2017 no curso de Artes Visuais da Unesp de Bauru cujo título é “Arte Educação: construção da consciência social”. No campus da UNESP em Bauru existe, desde 2004, o Polo da Rede Arte na Escola, cujo a proposta do projeto é a de Formação Continuada a professoras na área das Artes e interessados. O pesquisador participou durante o ano de 2016 e começo de 2017 como monitor voluntário do Projeto, daí seu interesse e contato com as professoras. Por isso a escolha de sua participação nas duas escolas se deu dentro do projeto Polo Arte na Escola. Este trabalho concentrou-se somente na área das artes visuais.

2. A PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL DE BAURU E A FORMAÇÃO SOCIAL DO SER HUMANO

A proposta pedagógica para a educação infantil de Bauru (PPE) é uma unidade constituída por duas bases referenciais teóricas, a pedagogia histórico-crítica e a psicologia histórico-cultural. O fundador e principal representante da pedagogia histórico-crítica é o professor emérito da Unicamp, Dermeval Saviani, cuja proposta se desenvolveu nos anos de 1970, mesmo período em que se articulava “um movimento de crítica à política educacional e à pedagogia oficial do regime militar, que culminou na busca por alternativas que permitissem compreender de forma crítica os problemas da educação brasileira e a natureza da prática pedagógica” (PPE, 2016, p. 41). Pode-se

afirmar que segundo essa base teórica, a instituição escolar tem o papel fundamental na socialização do ser humano e a transmissão de conhecimento tanto cultural como científico de modo consciente e crítico.

A psicologia histórico-cultural, tendo como um de seus teóricos L. S. Vigotski, trata-se de uma vertente da ciência psicológica que nasceu no início do século XX na extinta União Soviética. Vigotski introduziu na ciência psicológica o método marxista, liderou o grupo de pesquisa acerca da relação pensamento e linguagem, natureza do processo de desenvolvimento da criança e o papel da instrução no desenvolvimento. Fundamentado pelo conceito de que os processos psicológicos superiores humanos são mediados pela linguagem e estruturados não em localizações anatômicas fixas no cérebro, mas em sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis. Lev Semenovich Vigotski nasceu em Orsha, Bielo-Rússia em 1896 e falecido em 1934 aos 38 anos. Junto à Alex N. Leontiev e Alexander Romanovich Luria, tornaram-se três figuras importantes dentro da psicologia soviética, interessados no funcionamento cognitivo do ser humano, centrados na psicologia cognitiva que envolve a percepção, memória, atenção, solução de problemas, fala e a atividade motora.

Com o surgimento quase que simultaneamente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha e na Rússia os estudos a respeito da mente humana, gerou-se diversos fragmentos e linhas de pesquisas. Está falta de um modelo conciso ou programa definido no percurso da psicologia como área científica, desdobrava-se em uma nação cujo as informações e estudos científicos circulavam de modo atemporal de suas realizações devido a censura imperial. A psicologia na Rússia, assim como na Europa, movia-se por escolas fragmentadas e antagônicas. A psicologia moderna, segundo o livro “A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores”, que vinha anteriormente se desenvolvendo por estudos filosóficos e fisiológicos, à medida que se desprendia dessa base teórica e constituía-se como ciência, começou a atrair estudiosos e pesquisadores que buscaram a fundo definir o seu objeto de estudo, delimitar o seu campo, formular métodos de estudo e formular teorias.

Em síntese, o conceito desenvolvido por Vigotski é o de que os processos psicológicos superiores humanos e o comportamento consciente, não são algo espontâneo, nem mesmo natural do ser humano. Mas desenvolve-se pelo processo dialético de objetivação e de apropriação dos objetos produzidos historicamente pela humanidade. Segundo ele as funções intelectuais de um adulto não resultam unicamente da suposta maturação ou de algo pré-formado na criança, a espera de um “desabrochar”. Mas é o contínuo processo de desenvolvimento de for- mas elementares à superiores.

A Psicologia Histórico-cultural propõe o conceito de dois lados de desenvolvimento do organismo humano, uma linha de desenvolvimento natural e outra social cultural, as funções elementares e as superiores da psique humana. Pelo processo dialético de objetivação e de apropriação do legado histórico é que o ser humano adquire suas características humanas, ou seja, aquilo que constitui o que é um ser humano somente se desenvolve pela apropriação da linguagem, do material histórico produzido pela humanidade, fixada na cultura, instrumentos e signos. Os signos e instrumentos são sociais, eles não são formados ou concebidos individualmente, mas historicamente a partir das relações sociais entre um grupo, é onde se pode afirmar que o processo de desenvolvimento do pensamento da criança não vai do individual ao

socializado, mas do social ao individual. Cultura é preponderante na formação do indivíduo, pois ela sendo um produto da vida social e da atividade social do ser humano, ditará ou converter-se-á em funções da personalidade e em formas de sua estrutura. Para entrar em contato com a herança sociocultural e desenvolver as funções superiores é necessário que existam condições sociais e educativas adequadas. O desenvolvimento humano não se transmite biologicamente e o que garante a sobrevivência e adaptação não estão em células, nem mesmo no DNA, mas sim as relações sociais e o processo de internalização de “processos psicológicos enraizados na cultura” (REF p.54).

As duas bases teóricas se articulam para propor um desenvolvimento omnilateral das capacidades humanas por meio da apropriação cultural. O ato educativo através da arte no ensino infantil tem como objetivo a formação das bases da consciência estética dos alunos. Segundo a Matriz Curricular de Artes Visuais do Plano Pedagógico do Ensino Infantil de Bauru, a educação estética, sendo essencial a formação do ser humano, desenvolve o estado cognitivo, afetivo e expressivo; constrói um olhar sensível e significativo no ser humano. Ela é uma forma de interpretar nossas experiências e é tão importante para esta primeira fase de desenvolvimento das crianças. Com o ensino da Arte é possível:

Proporcionar ao aluno um contato mais próximo com ações significativas que permitam à criança ouvir, sentir, observar, interagir com imagens, sons, cores, formas e movimentos para que busque novos significados na compreensão e interpretação do mundo que a cerca. (PPE, 2016, p.462)

Para desenvolver a consciência estética, compreensão e interpretação da realidade a qual fazemos parte, a proposta se organiza em uma comunicação de três eixos: Percepção e Sentido, Fazer Artístico e Materialidade. Ambos em funções de desenvolver as: “(...) bases da consciência estética, exercitando processos de apreciação e criação artística (...)”, ampliando as “(...) referências no contato com manifestações artísticas de colegas, artesãos e artistas de diferentes espaços e tempos (...)” e experimentar a linguagem da arte, apropriando-se dos “procedimentos e processos criativos que o artista utiliza para expressar sua relação com o mundo”. (PPE, 2016, pag. 460). Esses três eixos foram os guias para se compreender a natureza das propostas desenvolvidas em sala de aula. Entende-se então, que o eixo Percepção e Sentido, tem a proposta de desenvolver a observação sensorial do mundo e a leitura e interpretação de imagens, obras artísticas e produção pessoal. A formação do olhar e ações afetivas, conceituais, cognitivas e significativas entre o leitor e seu universo, a obra e o universo da obra são pontos-chaves deste eixo. O Fazer Artístico explora o processo criativo da criança, seu universo imaginativo e as possibilidades de representação através da figura do professor, mediador de referências e possibilidades, incentivando e potencializando a criação e expressão artística dos alunos. Por fim, o eixo Materialidade são os suportes, instrumentos e elementos que possibilitam a criação artística, tendo como objetivo a exploração e experimentação desses objetos que compõem qualquer tipo de obra.

3. ANÁLISE EM CAMPO E REFLEXÕES

A educação estética é importante para o desenvolvimento humano, constrói um olhar sensível e interpretativo do mundo. O acesso a padrões estéticos analisados na

pesquisa de campo, eram em torno de ver as obras, artistas, culturas e ações que as crianças experimentavam em sala de aula e como eram estas experiências para elas. Por mais que a experiência estética não necessariamente ocorra somente pela arte, ainda é um importante referencial para se trabalhar dentro de sala de aula. Viu-se em ambas as escolas a preocupação de não só trabalhar as leituras de obras dentro de sala de aula, mas em oferecer ações que modificavam as aulas habituais e transformavam o cotidiano escolar, como exemplo as aulas passeio.

O referencial artístico explorado e o modo como eram apresentados dentro de sala de aula podiam ser diferentes, mas ambas utilizavam o mesmo conceito, partiam de um objeto que era a obra em busca dos mesmos resultados: o reconhecimento do que estava exposto no objeto; os elementos que dão significado no sentido todo da obra, a suposta mensagem que imagem remete e posteriormente a reconstrução deste objeto por parte dos alunos ou individualmente ou coletivamente. Mirian Celeste e Gisa Picosque (2009) denominam esta ação como “ativar culturalmente”. As professoras eram as mediadoras que exploravam aquilo que as crianças traziam em suas bagagens culturais, reconstruindo e ressignificando a obra de arte. Dentre deste acesso às obras e artistas, explorava-se a sensibilidade destas crianças e a reflexão através da leitura de imagem. Estes exercícios caminham junto com o que Paulo Freire já nos disse que ler uma imagem é relacionar o seu conteúdo com o contexto no qual estamos inseridos. Nesta dialética entre observar e absorver, exercitamos o pensamento visual, a gramática visual e os sistemas de significação por meio de imagens.

Reforçamos aqui que a leitura estética da criança e a as suas possibilidades de representação são limitadas a sua capacidade de objetivar através de expressões por referenciais linguísticos quanto operações motoras inexploradas, incumbia-se assim o professor de promover o uso técnico de materiais e linguagens artísticas em consonância ao desenvolvimento da criança.

Segundo Vázquez (1986) citado por Maria Inês Hamann Peixoto (2003, p. 39), o ato criativo, comum a arte e o trabalho, sendo dimensões essenciais à vida humana, é entendida como “atividade que só pode ser atribuída ao homem como ser consciente e social em virtude da qual produz algo novo a partir de uma realidade ou de elementos preexistentes”. Isso reafirma a ideia de que a arte como forma de criação, interpretação e expressão, é determinada culturalmente e socialmente. Sendo construída entre o sujeito em seu desenvolvimento e o objeto, limitado pelas formas representacionais de sua época. Eis aqui um cuidado especial no caráter ético do que é apresentado e estimulado aos alunos. A leitura se dá a partir das vivências que o leitor experiencia em sua estrutura social, intermediado e limitado pelos conceitos apropriados socialmente. Como visto em pesquisa de campo ao analisar as propostas realizadas nas salas de aula, o critério e a escolha sobre o referencial simbólico e cultural a ser exposto aos alunos, há de se ter a plena consciência de que qual é este referencial, qual o propósito e que tipo de reflexão ou comportamento deseja-se estimular nos alunos. Qual tipo de formação e aluno estamos imbuídos de desenvolver. Estimula-os através de um material que circula pela mídia e a desconstruímos/ reconstruímos ou damos acesso a um referencial simbólico fora da grande circulação de informação e oferecemos acesso a conteúdo fora de seu cotidiano pessoal? Esse é um ponto chave na escolha do referencial.

Os desenhos de observação que realizavam ofereciam uma diversidade de informações aos alunos e estimulavam seus sentidos e percepções. O próprio ato de

representar aquilo que vê pelo desenho remete aos estudos de Vitor da Fonseca, psicopedagogo e psicomotricista, que nos discorre sobre as conquistas psicomotoras importantes para adaptação da espécie humana:

A grafomotricidade é uma das mais extraordinárias habilidades psicomotoras, cognitivas e simbólicas da Hominização. Ela encontra-se neuropsicologicamente imbricada nas três conquistas anteriores e está relacionada com a arte e, posteriormente, com a escrita, ainda hoje expressões culturais inacessíveis a muitos seres humanos em pleno século XXI. (FONSECA1994 apud WILSON).

Segundo em seu livro “Psicomotricidade e Neuropsicologia: uma abordagem evolucionista”, quatro vantagens adaptativas garantiram a sofisticação psicomotora que hoje nossa espécie possui: macromotricidade (postura e locomoção bípedes), micromotricidade (habilidade manual, pinçar dos dedos, inteligência viso espacial) e a grafomotricidade. A possibilidade de fabricação de objetos utilitários e posteriormente, artefatos simbólicos é constituinte do ser humano em seu processo de desenvolvimento histórico, faz parte da espécie. Nosso aparato biocognitivo suporta essas habilidades.

Explorando o emocional, expressão e conhecimento, as crianças recebiam um apoio tanto com referenciais artísticos quanto com as peregrinações. As aulas passeio, momentos em que, em ambas as escolas, as professoras exploravam a sensibilidade e olhar destas crianças em passeios dentro do próprio espaço escolar, ao redor da escola ou em visitas a outros lugares. Notou-se em pesquisa de campo que, tendo uma perspectiva apoiada pela proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, a obra era um núcleo de onde se expandia as ações e possíveis “agir”. Quando saíam de dentro de sala de aula e observavam as árvores, flores e até mesmo as leituras e releituras de obras, via-se a manifestação do pensamento de Viktor Lowenfeld (1977 p.16), “(...) o crescimento mental depende das relações ricas e variadas entre a criança e o seu meio: tal relação é o ingrediente básico de qualquer experiência de criação artística”. Este pensamento confirma, mais uma vez, que nós seres humanos, aprendemos através de nossos sentidos e, quanto maior forem as propostas diretivas para que se desenvolva a sensibilidade do aluno, mais significativo será o processo de aprendizagem.

Pra finalizar este capítulo um fenômeno muito instigante e de tamanha importância é a obra de um artista tornar objeto de estudo e propiciar uma transformação perceptiva, estética e crítica em crianças de 5 anos. Em uma das escolas ao discutirem sobre padrões comportamentais e fatos sociais apoiados nas obras da artista Lais Myrrha, “Ícone da 32.^a Bienal de São Paulo” segundo o site do Estadão (2016). Presenciei lá um desdobramento do significado simbólico de uma obra adaptando-se ao universo infantil, propiciando um núcleo de discussão e estimulação aos alunos, respeitando seus ritmos. Junto a professora, os alunos recriaram a obra “Pódio para ninguém” (2010). Uma obra em que possui o formato de pódio, feito apenas com cimento prensado. Neste pódio sua função é questionada pela materialidade, não suporta o peso do “vencedor” nem das outras duas categorias “inferiores”. A artista define sua obra como “crítica a um sistema dos vencedores”. Na escola, no tanque de areia, recriaram através um molde de papelão que a professora havia criado e levado para auxiliá-los, e durante dias a obra ficou ali, exposta a todos os outros alunos e funcionários. Questionando o tempo e a materialidade, seu valor

simbólico fora rediscutido em sala de aula e até mesmo a Lais Myrrha se impressionou pelo desdobramento do seu trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva histórico-crítica e histórico-cultural nos fornece uma dimensão da arte em que a promove como uma atividade humana assim como outras produzidas pelos seres humanos, mas com sua especificidade. O ato estético, dimensão que foge dos fins utilitaristas e insere no ser o estado de contemplação, relaciona-se a necessidade estética humana a sua necessidade psíquica. Desenvolve novos sentidos, emoções e autoconhecimento. Os objetos simbólicos transmitem para aqueles que exercitam a reflexão do olhar, a transposição das relações concretas para as relações abstratas do pensamento. Propõem-se assim que os aspectos físicos e sociais da realidade sejam apreendidos e significados, articulando o pensamento como também as demais funções da cognição humana. Hoje a cultura imagética é algo influente na formação de nossos referenciais simbólicos e tanto modifica nosso modo de agir como a forma de pensarmos. E pensar em formação social e ação educativa no ensino infantil com a instrumentalização da arte é promover o desenvolvimento de novas percepções das realidades, sensibilizar o olhar sobre o mundo e potencializar a interação dos alunos com o mundo que os cerca.

As criações artísticas realizadas nas escolas podem ser entendidas como conexões entre as histórias socioculturais da humanidade e as crianças. Sempre foram discutidas as funções que arte adquire na sociedade, arte como mercadoria, expressão, criação e conhecimento. Entretanto, de nada adianta esta discussão se ainda mantivermos a ideia de arte como exclusividade de uma determinada cultura ou classe. Ativar culturalmente a visão de que a arte não é uma manifestação isolada das outras atividades sociais e humanas, é fundamental na nossa constituição como seres históricos e sociais, isso afeta diretamente nossa inserção no coletivo e nas escolas estudadas foi possível percebermos tais relações. Foi visto também que o significado da Arte no ensino se dá no sentido de propiciar uma nova linguagem, um novo olhar que aumenta as possibilidades de ação, interpretação. Por ser a arte um objeto da cultura assim como a ciência, revela as mais íntimas transformações e realizações do público que participa destas ações.

As leituras e releituras, amplamente disseminadas na prática de ensino em arte, tem que serem muito bem fundamentadas para não se tornarem apenas reprodução de modelos. Compartilhando das mesmas ideias de Fernando Hernández, não é aprender a ler a imagem e seus elementos isolados ou os diferentes modelos, mas sim de conhecer criticamente as diferentes manifestações artísticas de cada cultura, sociedade e comportamentos. As releituras atingem um papel efetivo quando transgredi os modelos e representações fixas que tanto temos contato diariamente via celular, filme e televisão. Hoje a “saturização” da imagem e de informação através da comunicação por meios eletrônicos evidência que as relações sociais contemporâneas já não são as mesmas de antes, e é claro, o modo de ver a educação em uma cultura visual onde imagens falam mais que palavras, instauram maneiras de ver e de agir socialmente, sofre ao prender-se em moldes antigos de educação. Nas duas escolas vimos uma preocupação no referencial. Optou-se uma por uma obra conceitual e contemporânea enquanto a outra uma obra histórica e importante para arte brasileira. Em ambas vemos a intenção de

ampliar o conteúdo exposto nas obras e seu significado social tanto estético quanto simbólico. O mais essencial é reconfiguração a partir do fazer artístico e um sentido avesso ao que circula na grande mídia.

Com esta pesquisa chegamos a resultados parciais, mas não fechados, de que Arte não é uma simples representação, mas uma reconstrução de modelos e valores dentro da estrutura social. Nossa geração anseia por mudança, a instituição escolar, professores, gestores e todos aqueles que representam as instâncias formais de ensino possuem a função de auxiliar não só no reconhecimento de nossa cultura e modelos representacionais, mas sim de oferecer instrumentos para que reconstruamos nossas realidades. Nos limites da pesquisa, somente duas escolas foram estudadas, mas a busca pelo conhecimento do ensino e aprendizagem pela arte foi qualitativamente alcançada. Aprender dentro das salas de aula o que é o universo infantil e a importância desta fase para sua vida adulta, é enriquecedor para aqueles que trabalham no desenvolvimento intelectual, cultural e social no ensino básico. Para aqueles que veem as brincadeiras realizadas pelas crianças como algo fútil e sem importância, há de compreenderem que criança se relaciona de outra forma com o nosso mundo. Reprimirem-nas em seus jogos e brincadeiras simbólicas é aniquilar toda a potencialidade de desenvolvimento que carregam em si.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A Arte-Educação no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. Da UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte educação como mediação cultural e social**. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2008.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**: revista e ampliada. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012

DEWEY, John. **Arte como experiência**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade e neuropsicologia**: uma abordagem evolucionista. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

FUSARI, Maria Felisminda de Resende e; FERRAZ, Heloisa Correa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste. **Mediação: Provocações Estéticas**. 1 ed. São Paulo: Instituto de Artes, 2006.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos: Na cultura**. Rio de Janeiro: Intermeios, 2009.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Processo e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação**. 1 ed. Santa Maria/RS: UFSM, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, S. D. E. F. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. 2ª Ed. ed. Rio de Janeiro: DP&A, v. 6, 2000.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e Grande Público: a distância a ser extinta**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar: no ensino das artes**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

VIGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**, livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

BACARIN, Ligia Bueno Pereira, Noma Amélia Kimiko. **História do movimento de arte-educação no Brasil**. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1367.pdf> Acesso em 05 Set. 2017.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos, COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos**. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf. Acesso em 08 set. 2017.

G1 Educação. **MEC lança documento preliminar da Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/mec-lanca-documento-preliminar-da-base-nacional-comum-curricular.html>>. Acesso em 4 jan. 2017.

G1 Educação. **Senado aprova dança, artes visuais e teatro no currículo do ensino básico**. Disponível em: http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/04/senado-inclui-danca-artes-visuais-e-teatro-no-curriculo-do-ensino-basico.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1>. Acesso em 8 abr. 2017.

Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP [recurso eletrônico] / Organizadoras: Juliana Campregher Pasqualini, Yaeko Nakadakari Tshako. – Bauru: Secretaria Municipal de Educação.

Disponível em:

http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos2/arquivos_site/sec_educacao/proposta_pedagogica_educacao_infantil.pdf Acesso em 08 Set.2017.

VISUAL ART IN CHILDHOOD EDUCATION: AESTHETIC EDUCATION ACTION

ABSTRACT

Studying the historical course of the Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a law national document that coordinate our national education. Over the years Art Education have been incorporated as area of knowledge in the brazilian basic education. As analyzed in this research, the education through Art can provide the knowledge sharing of societies and the awakening of the senses, perception and intellect of the humans. Sharing accesses to cultural diversity and artistic expression, we can change the social conditions that the cultural economic inflict in our ways and the society we live in. The purpose of this research was to identify how the teaching-learning process is undertaken through Visual Arts in two childhood education in the city of Bauru, interior of the São Paulo state. We start by bibliography research about Art and Education in a contemporary context and a field research that we had been developed over the five months, where the researcher follow the activities of Visual Arts class composed of four and five years old children.

Keywords: Art Education. Art Teaching. Childhood Education. Aesthetical Education.